

## INTRODUÇÃO

### O ROSTO DO SOFREDOR

O sofrimento é experiência universal. O homem é também *homo patiens*.<sup>2</sup> Quando estas afirmações se tornam experiência vivida, muitas vezes dramática, às vezes trágica, elas nos marcam. E nós compreendemos, não simplesmente de modo racional, mas também com as vísceras, que o sofrimento constitui o caso sério da existência. Ou no mínimo uma experiência que pode abrir-nos uma estrada na direção daquilo que na vida é essencial e verdadeiro. Pode. Não é dito que aconteça. Muitas pessoas endureceram, entristeceram e embruteceram pela dor. O fiel, pois, sabe e sente que em torno do sofrimento se joga algo de decisivo em relação seja ao homem seja a Deus, à imagem do homem e à imagem de Deus. Diante do sofrimento, as perguntas se multiplicam e as respostas muitas vezes mostram a sua falsidade ou fraqueza ou inconsistência. O fiel interroga também a Deus e esta interrogação é terrível. Diante da criança morta, do desamparado assassinado, do homem torturado, de quem nasce malformado, nós tornamo-nos uma interrogação, a realidade torna-se um enigma. E o próprio Deus se torna uma interrogação para nós. Desta interrogação radical nasce a sede de autenticidade humana de justiça, de compaixão, e surgem também o desejo da busca e da pesquisa que interpela as Escrituras e a tradição cristã, mas também as ciências humanas, a antropologia e a sociologia, a psicologia e a psiquiatria, as ciências da comunicação etc. Na convicção de que o sofrimento tem alguma coisa para nos dizer sobre o homem e sobre Deus.

Em particular, a fé cristã, que tem em seu coração a revelação inaudita da encarnação, do Deus que se fez homem, carne frágil,

2 V. E. FRANKL. *Homo patiens. Soffrire con dignità*, Queriniana, Bréscia, 1998.

não pode considerar estranho a si nada daquilo que é humano. Sofrimento, doença e morte incluídas. Ao invés disso, é convicção de quem escreve de que o autenticamente humano é também autenticamente espiritual, e que a autenticidade espiritual deve sempre passar por meio da análise do que é autenticamente humano. As páginas a seguir nascem exatamente deste intento: repensar os discursos cristãos sobre doença, sofrimento e morte enraizando-os no terreno da revelação bíblica, evangélica, em especial, e restituir-lhes à concretude do humano sofredor. Em suma, o sentido é de evangelizar e de humanizar o discurso cristão sobre sofrimento, doença e morte. Algo que comporta o ter sempre presente o sujeito sofredor mais que o sofrimento, a pessoa doente mais que a doença, o homem moribundo mais que a morte. No âmbito de que estamos nos ocupando o uso do abstrato pode corresponder a uma vontade de fuga, a aquele não envolvimento, que impede o encontro com o concreto sofredor, doente, moribundo. Isto é, com o seu rosto.

Além disso, este livro gostaria de ajudar, propor e desejar o enraizar-se sempre mais convicto e profundo de uma cultura da escuta. E, em especial, da escuta do sofredor. Sabemos que nos encontramos em um contexto cultural que, acerca do sofrer e do morrer, move-se entre remoção e espetacularização; teve quem falou de “remoção da morte e epopeia do macabro”.<sup>3</sup> A espetacularização da dor, a morte ao vivo, o desperdício de sofrimento exibido à curiosidade mórbida, o sofrimento “verdadeiro” dos outros enxergado através da mediação projetiva dos *mass media*, parecem fazer parte de um grande exorcismo coletivo do próprio sofrimento. Surge a pergunta: sabemos sustentar a visão de um concreto rosto sofredor? Tem ainda um sentido e uma praticabilidade a compaixão ou é atualmente sufocada entre indiferença, remoção, hábito, medo?

Umberto Galimberti acentuou a ausência de uma cultura da escuta que saiba fazer-se atenta à solidão e aos sofrimentos dos homens. Em particular, que saiba dar tempo e acolhida ao deprimido:

*Educados como somos à cultura do aplauso, não sabemos nem sequer onde é o lar da cultura da escuta. Distribuimos remédio para*

3 S. NATOLI. “Rimozione della morte ed epopea del macabro”, in *Parola, Spirito e Vita* 32 (1995), p. 341-358.

conter a depressão, mas meia hora de tempo para escutar o silêncio do deprimido não o encontramos nunca. Com os remédios, úteis sem dúvida, intervimos no organismo, no mecanismo bioquímico, mas a palavra estrangulada pelo silêncio e tornada inexpressiva por um rosto que parece de pedra, quem encontra o tempo, a vontade, a paciência, a disposição para escutá-la? Esta é a nossa cultura.<sup>4</sup>

Certamente, sabemos bem como é difícil escutar, se escutar indica o ato de abrir-se e acolher o sofrimento do outro. “A maior parte dos ouvidos se fecha às palavras que buscam dizer um sofrimento”.<sup>5</sup> Levantam-se barreiras para evitar que o sofrimento passe de quem o vive e o exprime para quem escuta. Entretanto, sem esta cultura da escuta do sofredor nós condenamos o outro à solidão e ao isolamento mortal e impedimos também a nós a possibilidade de uma consolação e de uma comunicação do nosso sofrimento. Prossegue Galimberti:

*Escutar não é emprestar o ouvido e se fazer conduzir pela palavra do outro, lá onde a palavra conduz. Se, pois, ao invés da palavra, existe o silêncio do outro, então nos fazemos guiar por aquele silêncio. No lugar indicado para aquele silêncio é dado repetir, para quem tem um olhar forte e ousa olhar a dor na face, a verdade percebida pelo nosso coração e sepultada pelas nossas palavras. Esta verdade, que se anuncia no rosto de pedra do depressivo, cala para não se confundir com todas as outras palavras.<sup>6</sup>*

A pergunta que aqui se deve pôr é: Sabemos dar tempo, atenção e energias à escuta de quem sofre? E sabemos escutar o sofrimento profundo que está em nós, premissa indispensável para nos pôr sempre mais atentamente na escuta do sofrimento do outro? Escutar significa dar a palavra, dar tempo e espaço ao outro, acolhê-lo também naquilo que ele recusa de si, dar-lhe direito de ser quem ele é e de sentir aquilo que sente e fornecer-lhe a possibilidade de se exprimir. Escutar é ato que humaniza o homem e que suscita a humanidade do outro. Escutar é fazer nascer, dar subjetividade, permitir ao homem fazer o próprio nome e o próprio rosto, ou a própria humanidade.

4 U. GALIMBERTI. “Pantani nei deserti dei depressi”, in *La Repubblica*, 18 de fevereiro de 2004.

5 C. CHALIER. *Sagesse des sens. Le regard et l'écouter dans la tradition hébraïque*, Albin Michel, Paris 1995, p. 91.

6 U. GALIMBERTI. “Pantani nel deserto dei depressi”.



O rosto, na verdade, é o emergir da identidade. O rosto é epifania da humanidade do ser humano, da sua irreduzível unicidade, e esta preciosidade do rosto é simultânea à sua vulnerabilidade:

*A pele do rosto é a que permanece mais nua, mais despida. A mais nua, embora de uma nudez digna. A mais despida também: no rosto existe uma pobreza essencial... O rosto está exposto, ameaçado como se nos convidasse a um ato de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é aquilo que nos impede de matar.<sup>7</sup>*

O sofrimento pode, portanto, desfigurar o rosto e cancelar, com a sua violência brutal, a humanidade da pessoa, mas o sofrimento pode também, paradoxalmente, restituir humanidade ao rosto do violento.

Os detidos nos campos de extermínio nazistas eram aniquilados humanamente quando despojados de seus nomes e reduzidos a um número, portanto, privados do próprio rosto: dever-se-ia eliminar do rosto do detento cada resíduo de individualidade. Testemunhou Primo Levi:

*Apareceram-me já no dorso dos pés, as chagas torpes que nunca curarão. Empurro carroças, trabalho de enxada, quebranto-me na chuva, estremeço pelo vento; o meu próprio corpo já não é mais meu: tenho o-ventre inchado e os membros ressequidos, o rosto inchado pela manhã e côncavo à noite; alguns dentre nós tem a pele amarela, alguns outros cinza: quando não nos vemos por três ou quatro dias, custa-nos reconhecer um ao outro.<sup>8</sup>*

A fadiga, o medo, o terror, a fome, os horrores cotidianos, retiram carne da pele, que permanece frágil invólucro de ossos.

*Antes da morte física, reina nos campos a liquidação da individualidade por meio do dismantelamento do rosto, o cancelamento dos traços sob a dureza dos ossos que recobre uma pele privada de carne. A mesma magreza (...) que conforta o torturador no sentimento de não ter a ver com seres humanos, mas com um resíduo que precisa eliminar pondo-se apenas problemas administrativos e técnicos.<sup>9</sup>*

E Elie Wiesel testemunha:

7 E. LÉVINAS. *Ética e infinito. Il Volto dell'Altro come alterità etica e traccia dell'Infinito*, Roma, Città Nuova 1984, p. 100.

8 P. LEVI. *Se questo è un uomo*, Einaudi, Turim 1963, p. 42.

9 D. LE BRETON. *Des visages. Essai d'antropologie*, Métailié, Paris 1992, p. 287.

*Três dias depois da libertação de Buchenwald, eu caí gravemente doente: uma intoxicação. Fui transferido ao hospital e passei duas semanas entre a vida e a morte. Um dia consegui me levantar, depois de recolher todas as minhas forças. Queria ver-me no espelho que estava pregado na parede de frente: desde o gueto eu não me tinha mais visto. Do fundo do espelho um cadáver me contemplava. O seu olhar nos meus olhos não me deixa mais.<sup>10</sup>*

Ao mesmo tempo, é também verdade que o sofrimento pode dar novamente dignidade a quem tinha usado violência no dia anterior. Com tocante lucidez, Barbara Spinelli comenta assim as imagens do rosto de Saddam Hussein violado pelas mãos do soldado remexendo em seus cabelos emaranhados e pela inspeção de seus dentes, como se fosse um animal do bando que, no mercado, se abre a boca para olhar o estado e a idade da dentadura e se controla se no seu pelo não se aninham piolhos.

*Eis um ditador feroz... O déspota que lançou gás aos iranianos e aos curdos, que massacrou os xiitas e toda espécie de opositor e, todavia, de repente, não parecia mais o horror que tinha sido. Parecia ter adquirido uma dignidade que até pouco antes não possuía, um olhar de que, no passado não tinha sido capaz. Estava reduzido à sua humanidade e precisamente esta humanidade tinha sido animalizada pelos modos da captura e da sucessiva espetacularização... Aquele rosto de Saddam, transformado em pôster publicitário, (...) é uma incalculável derrota moral.<sup>11</sup>*

O olhar que nós dirigimos sobre o rosto sofredor (pensemos especialmente ao rosto desfigurado pela dor, deformado pela doença, devastado por cicatrizes, queimado, alterado pela alienação), olhar que oscila entre a repugnância e a mórbida curiosidade, é chamado a percorrer o caminho que chegue a reconhecer a humanidade, ferida ou humilhada que seja, daquele rosto. Uma narrativa da escritora finlandesa Tove Jansson põe-nos diante daquele olhar de amor que sabe restituir humanidade a quem viu modificado o próprio aspecto em irreconhecível aparência monstruosa.<sup>12</sup> Sintetizando a narração: Mumintroll, uma das criaturas do livro, brinca de esconde-esconde com os amigos. Esconde-se no chapéu grande

10 E. WIESEL. *La notte*, Giuntina, Florença 1980, p. 112.

11 B. SPINELLI. "Saddam, i due minuti di odio", in *La Stampa*, 21 de dezembro de 2003.

12 T. JANSSON. *Racconti dalla valle dei Mumin*, Salani, Florença 1995.



e negro de um velho mágico sem saber que tudo que aí entra muda de aspecto. Quando Mumintroll sai do chapéu, os seus amigos se retraem temerosos: o seu aspecto mudou e agora é terrífico. Mumintroll, todavia, não sabe que está mudado e não entende porque os amigos fogem. Apavorado, aprisionado na solidão das suas novas aparências, busca explicar que é ele mesmo, é sempre ele, mas eles vão embora gritando pelo terror. Naquele momento, chega a mãe de Mumintroll, olha-o surpresa e lhe pergunta quem é. Ele a suplica com o olhar para reconhecê-lo porque se ela não o entender, como poderá viver? Então ela o olha nos olhos, observa profundamente a alma daquela criatura que não se assemelha absolutamente ao seu filhinho querido e diz com um sorriso: “Mas tu és o meu Mumintroll”. Naquele momento acontece um pequeno milagre: o monstro, o estranho, desaparece e Mumintroll volta a ser o de antes. Em suma, não apenas nos é necessária uma cultura da escuta, mas também uma cultura do olhar: e isto com urgência ainda maior, considerando o desperdício de exibição dos sofrimentos e das mortes na mídia. Sabemos dirigir um olhar humano e humanizador ao sofredor?

O percurso desenhado pelos capítulos deste livro se move em torno da ideia que a humanidade de Jesus, narrada nos Evangelhos, pode ensinar-nos a viver o confronto com o sofrimento e o encontro com os doentes. Pode humanizar-nos e tornar-nos mais evangélicos.

Pode também fazer-nos compreender que ser cristão é se tornar humano de verdade seguindo Cristo: é cristão quem se torna humano. Dietrich Bonhoeffer, que pela leitura de um texto de Maritain tinha ficado marcado por uma citação de Karl Marx que dizia: “É fácil ser um santo quando não se quer ser um homem”,<sup>13</sup> detém-se sobre esta essencialização da experiência cristã:

*Ser cristão não significa ser religioso em um determinado modo, fazer alguma coisa de si mesmo (um pecador, um penitente ou um santo), em base a uma certa metódica, mas significa ser humanos; Cristo cria em nós, não um tipo de homem, mas o ser humano. Não é o ato religioso a fazer o cristão, mas o tomar parte no sofrimento de Deus na vida do mundo.<sup>14</sup>*

13 Veja-se a edição crítica: D. BONHOEFFER. *Resistência e resa, a cura de C. Gremmels, E. e R. Betge, em colaboração com I. Tödt, Queriniana, Brescia 2002, p. 504, n. 7.*

14 *Ibidem*, p. 499.

O abrir-nos à dor de Deus no mundo, na vida cotidiana, é também o despertar-nos para o humano dilacerado, obscurecido, mutilado na pessoa sofredora, no portador de deficiência, na pessoa marcada pela doença física ou psíquica; é colher a paixão de Deus na dor e no sofrimento do humano que está no homem. Falando do humano que está no homem, pretendo referir-me a algo que é comum a toda pessoa individualmente, a todo e único rosto, mas que, ao mesmo tempo, vai além do indivíduo, e não coincide nem mesmo com a chamada “espécie” humana. De fato, existe a possibilidade de uma humanidade desumana: o ser humano não é naturalmente humano e humanizado, assim como não é naturalmente livre. A humanidade e a liberdade são conquistas pelas quais se luta e dons para cuja acolhida é preciso abrir-se. Verifica-se, muitas vezes, desumanidade na Igreja, nas relações fraternas comunitárias, assim como nas relações familiares, entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre idosos e jovens, e depois nas relações sociais e políticas, assim como nas relações mais pessoais e íntimas, nas relações sexuais, no amor (o naquilo que chamamos como tal). Quantas vezes devemos constatar que o inimigo é o amigo, o vizinho, o familiar, o confrade...

Deveríamos aprender, portanto, a considerar-nos hóspedes do humano que está em nós. Hóspedes, não donos. Assim, poderíamos aprender também a ter cuidado do humano que está em nós e a ser solícitos para com o humano sofredor que está no outro.<sup>15</sup> Talvez, o humano que está em nós seja exatamente o lugar da nossa imagem e semelhança com Deus (Gn 1,26-27). Compreende-se como o tornar-se humanos seja para o cristão a obra da fé e implique a obediência à Palavra do Deus criador que disse: “Façamos o homem” (Gn 1,26). Também nós, também os seres humanos, estão implicados naquele “façamos”! O ser humano é chamado a colaborar com Deus a fim de que cresça nele aquela humanidade que é o verdadeiro reflexo da luz divina no mundo, é o lugar de Deus no mundo, lugar que, como a ação do Espírito, vai bem além das confissões cristãs e dos espaços eclesiais! Humanidade que não pode ser eliminada sequer pelo mais devastador sofrimento. E o

15 P. SEQUERI: *L'umano alla prova. Soggetto, identità, limite*. Vita e Pensiero, Milão, 2002.

sofrimento, nos seus múltiplos rostos, já é apelo ao fiel para que desperte a própria humanidade, tornando-a sempre mais conforme àquela de Cristo.<sup>16</sup>

Uma poesia de Dietrich Bonhoeffer, intitulada *Cristãos e pagãos*, parece-me que se presta bem para fechar esta introdução:

Homens vão a Deus nas suas tribulações  
choram por ajuda, pedindo felicidade e pão,  
salvação da doença, da culpa, da morte.  
Assim fazem todos, todos, cristãos e pagãos.

Homens vão a Deus na sua tribulação,  
encontram-no pobre, ultrajado, sem teto nem pão,  
veem-no consumido pelo pecados, fraquezas e morte.  
Os cristãos estão próximos a Deus em seu sofrimento.

Deus vai a todos os seres humanos em sua tribulação,  
sacia o corpo e a alma do seu pão,  
morre na cruz por cristãos e pagãos  
e a estes e a aqueles perdoa.<sup>17</sup>

16 L. MANICARDI. *L'umanità della fede*, Qiqajon, Bose, 2005 (Testos de meditação 123).

17 D. BONHOEFFER. *Resistenza e resa*, p. 480-481.